

FESTAS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO: INFLUÊNCIA DO MODELO DE IMPÉRIO DE ALENQUER (PORTUGAL) NA FESTA DE NATIVIDADE-TOCANTINS (BRASIL)



Revista
Desafios

Artigo Original
Original Article
Artículo Original

Festivals of the Divine Holy Spirit: influence of empire model Alenquer (Portugal) in the festivity of Natividade –Tocantins (Brazil)

Festivales del Divino Espíritu Santo: influencia del modelo del imperio Alenquer (Portugal) en la festividad de Natividade –Tocantins (Brasil)

Poliana Macedo de Sousa^{*1}

¹Mestra em Ciências do Ambiente, Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Tocantins, Palmas, Brasil.

*Correspondência: Pró-Reitoria de Pesquisa, Universidade Federal do Tocantins, Bloco IV, Av. NS 15, 109 Norte, Palmas, Tocantins, Brasil. CEP: 77.010-090. Email: polimacedo@uft.edu.br

Artigo recebido em 12/12/2016. Aprovado em 04/01/2017. Publicado em 12/01/2017.

RESUMO

O presente estudo faz um breve resgate histórico sobre o início das comemorações da festa do Divino Espírito Santo em Portugal e sua expansão para as colônias portuguesas como o Brasil, sendo um dos lugares que seguiram o modelo de “império” estabelecido em Alenquer. Retrata ainda, a Festa do Divino Espírito Santo em Natividade, cidade histórica do Estado do Tocantins, e a influência no formato da festividade (comemoração e modo de organização) advindo dos colonizadores portugueses.

Palavras-chave: Religião. História. Festa do Divino Espírito Santo.

ABSTRACT

This study is a short historical review on the start of festival celebrations of the Holy Spirit in Portugal and its expansion to the Portuguese colonies like Brazil, one of the places that followed the model of "empire" established in Alenquer. Portrays also the Feast of the Holy Spirit in Natividade, historic city of Tocantins State, and the influence on the format of the festival (celebrating and organizing mode) arising from the Portuguese colonizers.

Keywords: Religion. History. Feast of the Holy Spirit.

RESUMEN

Este estudio es una breve reseña histórica sobre el inicio de las celebraciones festivas del Espíritu Santo en Portugal y su expansión a las colonias portuguesas como Brasil, uno de los lugares que siguieron el modelo de "imperio" establecido en Alenquer. Retrata también la Fiesta del Espíritu Santo en Natividade, ciudad histórica del estado de Tocantins, y la influencia en el formato del festival (modo de celebración y organización) surgido de los colonizadores portugueses.

Descriptor: Religión. Historia. Fiesta del Espíritu Santo.

A celebração do dia de Pentecostes caracteriza-se como uma festa cristã comunitária, um sinal de partilha e de compromisso na missão de

reunir o mundo em torno da mensagem de Cristo (MARQUES, 2000). A igreja ‘cristianizou’ uma celebração pagã que fazia parte de uma cultura

popular e, sobretudo, folclórica. Assim como explica Mata (2000, p. 23-24) ao afirmar que a igreja não desfaz determinada crença ou ritual, antes de tudo, ela batiza determinada manifestação.

[...] apropria-se dos quadros espacio-temporais e mesmo certas formas de culto pagão e converte esses lugares, tempos e práticas em culto cristão. [...] A herança pagã do culto do Espírito Santo e verifica-se em diferentes momentos [...] o papel central do ciclo solar. No calendário eclesiástico cristão os momentos litúrgicos “positivos” andam associados aos dois solstícios: o Natal e o Pentecostes, relacionados respectivamente com os solstícios de Inverno (25 de Dezembro) e de Verão (24 de Junho).

Lopes (2004), Milheiro (1996) e Benevides (2009) explicam que, o quê ocasionou a expansão do culto ao Espírito Santo foi à divulgação por toda a Europa Ocidental durante o século XII, dos cultos espiritistas; a influência fomentadora de ordens religiosas como os franciscanos; o patrocínio do poder real e, por arrastamento, das classes sociais mais abastadas; caráter caritativo do bodo aos pobres, o que tinha grande popularidade; cortejos e cerimoniais ricos e suntuosos, com espetáculos impressionantes; e implementação desse culto preferencialmente em zonas de influência dos grandes centros.

Poucos são os dados conhecidos respeitantes à existência de festas consagradas ao Espírito Santo anteriores à implementação do modelo alenquerense que é suposto ter sido uma criação da “rainha santa” em fim do século XIII ou, mais precisamente, em 1295. [...] essas festividades constavam faustosos, nos quais uma confraria procedia à distribuição de alimentos, num bodo aos pobres e desprotegidos. Bodo esse decorrente, total ou predominantemente, da contribuição de diversos confrades (LOPES, 2004, p. 97).

É nesse período que surgem as confrarias e irmandades que estiveram presentes em quase todas as grandes festas religiosas que possuía o calendário litúrgico, dinamizando os cultos promovidos pelas autoridades eclesiásticas (PENTEADO, 2000).

Abordando mais especificamente as festas singulares registradas em Portugal, encontra-se a festa

do Espírito Santo, que apesar de existir outras referências do seu início¹, essa festividade possui características similares porém em outros contextos, sobretudo na França, e são específicas da cultura popular portuguesa.

Tendo conhecido no continente uma difusão bastante ampla – particularmente no centro e no sul do país – as Festas do Espírito Santo irradiaram ainda, a partir do continente, para territórios povoados e colonizados pelos portugueses. A sua existência é conhecida na Madeira e no Brasil. Mas foi, sobretudo no arquipélago dos Açores – onde a sua origem parece remontar aos tempos iniciais do povoamento – que elas conheceram um desenvolvimento mais importante (LEAL, 1994, p. 15).

De um modo geral, as festas do Espírito Santo tiveram um ciclo de implementação, expansão e decadência na história de Portugal. A sua fase de implementação constituiu-se (possivelmente) no início do século XIII até a implantação do modelo “império” em Alenquer, no início do século XIV. A fase de expansão foi no início do século XIV até meados dos séculos XVI e, por fim, a fase de decadência vai do final do século XVI até nossos dias, com maior ou menor intensidade e linearidade (LOPES, 2004).

Conforme a bibliografia pesquisada, a festa no formato que ela existe atualmente tem seu início no começo do século XIV, na Vila de Alenquer, cidade à Lisboa, capital de Portugal.

E, segundo reportagens de jornais alenquerenses, há sete séculos que o culto ao Divino se iniciou em Alenquer e que durou 500 anos. A tradição local fixou no ano de 1321 como o da fundação de uma Casa, Igreja e festejos por iniciativa da Rainha Santa Isabel, que rapidamente se espalharam por todo o reino e acabaram por chegar ao

¹ Outra teoria sobre o início da festa de que as festividades do Divino Espírito Santo são oriundas dos “Estados Alemães” onde, inicialmente, foi praticada durante a dinastia dos Othons.

Brasil, África, Índia, Canadá, Estados Unidos, entre outros (LEAL, 1994).

Lopes (2004, p. 75) reforça que

muito se tem escrito sobre o papel desempenhado pela Rainha Santa Isabel na implementação do culto do Espírito Santo no nosso país. A tradição atribui-lhe, em absoluto, a sua criação. Correia de Lacerda, Bispo do Porto, garante que a mesma recebeu por inspiração divina a missão de construir a Igreja do Espírito Santo em Alenquer. [...] Após a construção começaram a solenidade da coroação do imperador, onde a Rainha chamou a nobreza e a pessoas de diversas hierarquias. Nessa mesma época, teria também iniciado a respectiva confraria para louvor do Espírito Santo e as doações aos pobres.

Para Lopes (2004) ainda, Alenquer marcou uma etapa determinante, quiçá primordial, na implantação do “império”. E, referente aos dados existentes, Alenquer constitui, sim, como a grande festa modelo da qual, direta ou indiretamente, evoluíram todos os impérios encontrados no espaço português e brasileiro.

Seguindo esse raciocínio, o modelo da festa do Espírito Santo era basicamente realizado no período pentecostal em parte dos Açores, no Brasil e em alguns lugares da Portugal continental. Começava no Domingo de Páscoa até o Domingo de Pentecostes ou chamado também de Domingo do Espírito Santo. Todos os rituais decorriam segundo a forma de um cortejo, o qual percorria certas ruas da cidade, previamente enfeitadas com uma série de arcos triunfais, sempre profusamente decorados com motivos alusivos ao tema da festa, apresentando um Imperador, dois reis (que representavam a Santíssima Trindade), com o momento da coroação com três coroas de prata, além da participação de homens bons, nobres, burgueses das cidades e vilas do reino durante os desfiles cerimoniais entre igrejas matrizes, conventos e templos consagrados ao Espírito Santo. Havia ainda o bodo, incluindo pão e carne, assinalados como esmola distribuída aos pobres e

necessitados, caracterizando uma forma de homenagem e louvar a divindade, além da realização de bailes reais.

Sobre as características dessa época, pode-se afirmar que o Barroco surge em meio à crise dos valores renascentistas ocasionada pelas lutas religiosas e econômicas por volta de 1800, início do século XVIII, época em que as festas do Divino Espírito Santo começaram sua expansão. É nessa época também que o Barroco é obrigado a restaurar a ideia de uma ordem em que a natureza, a vida social e o poder político suspendem-se a uma esfera sobrenatural. E, no que tange a esse período, as festas cívicas bem como as religiosas foram diretamente influenciadas pelo rebuscamento do Barroco (MILHEIRO, 1996).

METODOLOGIA

No percurso metodológico deste trabalho, foram realizados levantamentos bibliográficos, tanto na Biblioteca Central do Campus de Braga da Universidade do Minho (Portugal), bem como na Biblioteca do Campus de Guimarães, acerca do tema da festa do Divino Espírito Santo, que em Portugal é nomeada apenas como festa do Espírito Santo.

Foi também investigado sobre as festas religiosas com enfoque temporal para o período da Época Moderna, o Barroco, pois este é o período em que se acredita que as comemorações em torno do Divino Espírito Santo vieram com os portugueses quando colonizaram o Brasil, além de pesquisas acerca da época medieval, quando se deu a instalação do modelo de Império da festa do Divino em Alenquer.

Sabe-se que ao se estudar uma comunidade tem-se que dedicar tempo para que os estudos sobre a mesma sejam concretizados. Em Natividade, já existia o contato com a comunidade desde 2006 que foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa,

uma vez que se estabeleceu visitas constantes, periódicas e dirigidas como forma de manter essa parceria com os membros da comunidade, além de estreitar o relacionamento com os mesmos para que fossem coletados dados por meio de entrevistas (não-estruturadas), vídeos, depoimentos e arquivo pessoal dos devotos do Divino Espírito Santo.

As festas religiosas populares são momentos de compartilhamento de uma história passada e ao mesmo tempo presente. Em conjunto com a metodologia da folkcomunicação e primando pela interdisciplinaridade no transcorrer da pesquisa, utilizou-se também a aplicação da metodologia da história oral. E, para identificar o modelo de império de Alenquer na festa do Divino Espírito Santo de Natividade, acompanhou-se todos os ritos da festa do Divino Espírito de Natividade (2006, 2009, 2010, 2011 e 2012), desde a preparação para saída das Folias, giro das Folias, chegada das folias, Esmola Geral, festa do Capitão do Mastro, Festa do Imperador, Missa Solene e Coroação do Imperador, além do sorteio dos festeiros do ano seguinte.

Fotos e vídeos foram feitos durante a pesquisa de campo, que possuiu etapas organizadas de forma a permitir um resultado mais próximo da realidade possível.

A CHEGADA DAS FESTAS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NO BRASIL

As escassas e pouco precisas referências que possuímos acerca das origens das Festas do Divino em terras brasileiras, ainda hoje vivas, remete principalmente para o período compreendido entre o primeiro e o terceiro quarto do século XIX embora, por exemplo, em Pirenópolis, no Estado de Goiás, a mesma parece ter sido introduzida em meados do século XVIII, à semelhança, aliás, de Guaratinguetá, no Estado de São Paulo (de que existem informações remontando a 1751) ou, ainda, de São Salvador da

Baía, respeitando neste caso a 1765 e provenientes da Igreja de Santo Antonio Além do Carmo (LOPES, 2004).

Já no século XX, as festas do Divino Espírito Santo tomaram corpo e foram celebradas com maior ênfase nas regiões Centro-Oeste e Sudeste. A festa está intimamente ligada ao período de mineração do ouro, conservando-se especialmente nas cidades mais antigas do século XVIII, sendo rara e pouco solene nas cidades que foram fundadas depois do ciclo do ouro.

Tanto no Brasil como nos Açores, as festas do Espírito Santo seguem um modelo pré-estabelecido ainda no século XVI, em Alenquer. Em Pirenópolis, a festa possui poucas variações em torno de sua estrutura básica e símbolos principais do ritual que consistem nas folias, a coroação de um imperador e o império.

A esta estrutura básica os agentes da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis vêm incorporando outros ritos e representações, como as encenações de mascarados e cavalladas, responsáveis pela grande notoriedade da festa, que se realiza nesta cidade a cada ano, desde 1819, durante cerca de 60 dias, com clímax no Domingo de Pentecostes, cinquenta dias após a Páscoa. Contudo, alguns desses impérios sofreram modificações e inclusões de outros atrativos como é caso de Natividade, no Estado do Tocantins.

NATIVIDADE E SEU MODELO DE IMPÉRIO

Sobre as festas do Divino Espírito Santo no Tocantins, as comemorações ocorrem de janeiro a julho, de acordo com as características de cada localidade, e são realizadas em várias cidades, especialmente nas regiões sudeste e central do Estado, entre elas Almas, Santa Rosa, Chapada de Natividade, Peixe, Silvanópolis, Paranã, Conceição do Tocantins,

Palmas, Porto Nacional, Araguacema, Araguaçu, Monte do Carmo e Natividade.

Em Natividade é possível deduzir que os festejos do Divino vieram junto com os colonizadores na época das minerações, no século XVII, no então Arraial de Natividade, província de Goiás, surgindo a partir da chegada de imigrantes portugueses nessa região, no século XVIII, que vieram à procura de ouro e fundaram o Arraial de São Luiz, edificado em 1734. O município de Natividade fica a 220 km da capital, Palmas, na região sudeste do Tocantins (PREFEITURA DE NATIVIDADE, 2016).

É na década de 80 do século XX que as comemorações em torno da festa do Divino Espírito Santo em Natividade se concretizam e formalizam. Registros datam essas comemorações na cidade a partir de 1904², porém só a partir da década de 80 até a atualidade que esses registros ficaram a cargo da Paróquia Nossa Senhora de Natividade e da ASCUNNA – Associação Cultural de Natividade.

A preparação para a festa do Divino inicia um ano antes, com o sorteio dos festeiros na Missa de Coroação do Imperador, no Dia de Pentecostes. Nesse dia, os despachantes já sinalizam se vão ou não ‘soltar’ alguma folia, ajudando o Imperador e o Capitão do Mastro na busca de donativos sejam eles em dinheiro ou produtos para realização da Festa.

A festa, o trabalho dela, já inicia desde quando a pessoa “já cai” para ser festeira. E ele já fica trabalhando porque logo vem a safra do caju, logo já vem o jenipapo, e eles já vão colhendo a água de caju e do jenipapo, de tudo em si para produzir o licor. O festeiro já começa botar porco no chiqueiro pra já ir engordando, pra na época da festa ter porco³.

² Memória de Leofácia Araújo, nativitana, que fez um resgate de todos os imperadores do ano de 1904 até o ano de 1980 para os arquivos da Associação Comunitária Cultural de Natividade – ASCCUNA.

³ Entrevista com Maria José de Oliveira Machado concedida no dia 26 de agosto de 2011.

É a partir do sorteio dos festeiros que um novo ciclo se inicia, novas famílias serão inseridas no contexto da Festa e a devoção permanece. Com o passar do ano, as atividades em torno da festa continuam: reuniões para escolha dos Alferes, foliões, locais e roteiros dos pousos, composição de músicas, entre outros.

É na Semana Santa, a partir do Domingo de Páscoa, que as folias saem para o Giro, porém a preparação e trabalho dos Despachantes e festeiros já haviam iniciado meses antes. No Sábado de Aleluia, a movimentação em torno da Festa do Divino Espírito Santo aumenta e conta das ruas. As Folias do Divino Espírito Santo em Natividade giram durante 40 dias. Em algumas cidades do Estado do Tocantins, esse tempo é menor, chegando há sete dias. É no momento do giro das Folias que podemos afirmar que o sentido da festa se torna mais evidente, pois os foliões saem pela zona rural e passam por algumas cidades evangelizando e levando o nome do Divino Espírito Santo para os lugares mais remotos. O pouso das Folias é um dos momentos mais importantes do Giro das Folias, pois é nesse momento que o papel dos foliões é acentuado. Em Natividade são três folias: Folia dos Gerais, Folia de Cima e Folia do Manoel Alves.

O Giro de quarenta dias termina em uma quinta-feira, dez dias antes da comemoração do Dia de Pentecostes, quando acontece o Encontro das Folias na Praça da Igreja Matriz, onde lá assinam o termo de compromisso, fazem as vênias com as bandeiras do Divino e entoam cânticos com muita alegria.

Nos dias que antecedem as festas solenes, nesse caso a Esmola Geral, Festa do Capitão e Festa do Imperador, os devotos concentram-se nos locais onde as festas serão realizadas para organizar as ornamentações, alimentação entre outros afazeres para os próximos dias de festas em tributo ao Divino.

A Esmola Geral é uma procissão na qual a população e os Alferes saem pelas principais ruas de Natividade com uma bandeira maior, a Bandeira da Misericórdia, e as bandeiras dos devotos visitando os moradores e pedindo donativos para a festa geral.

No mesmo dia da Esmola Geral, ou seja, sábado, na parte da noite, acontece a festa do Capitão do Mastro. Nela, o Capitão é levado de sua casa até a porta da Igreja Matriz em cima de um mastro de aproximadamente cinco metros de altura. A população acompanha o mastro até a Praça da Igreja, regadas de músicas e iluminados por velas.

No Domingo de Pentecostes, ápice da festa do Divino Espírito Santo, a coroação e Festa do Imperador. Os devotos mais antigos trajavam vermelho (cor do Divino).

O cortejo inicia-se com o Imperador e sua família saindo pelas ruas da seguinte disposição: a bandeira da Misericórdia (a mesma da Esmola Geral), logo depois vem os Alferes das três folias desse ano, jovens representando os sete dons do Espírito Santo, crianças vestidas de anjinhos, o porta-almofada com a bíblia, dentro de um cercado vem o Imperador com sua família, além do capitão do mastro e a rainha, logo atrás os ex-imperadores e capitães, seguidos pela banda municipal e a população. No final do cortejo, a bandeira da Misericórdia saúda e abençoa o Imperador e sua família na porta da Igreja Matriz e o Padre os recebe, onde realiza a coroação do Imperador. Após a coroação, inicia-se a Missa Solene e, em seguida, é realizado o sorteio do Imperador e Capitão para a festa do ano seguinte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerada uma das maiores expressões de fé herdada dos portugueses, a festa do Divino Espírito Santo é repleta de significados e tradições, pois a festa é mantida pelo catolicismo popular. Antes, durante e depois da festa do Divino Espírito Santo em

Natividade todo o processo de organização da mesma demonstra que as pessoas envolvidas, cada qual com sua habilidade, trabalham para conseguir realizar a festa da melhor maneira possível, com abundância de comida e bebida. Caracterizada por ser uma festa comunitária, solene e repleta de ritos, onde o dever e a obrigação por parte de todos seja na preparação das comunidades, nos pousos, no giro das folias e em todos os rituais que a complementam.

Fazendo uma ponte entre a comemoração da festa do Divino em Portugal, tanto como no Brasil, o modelo “império” que foi estabelecido em Alequer no século XIV ainda mantém suas características principais, como personagens, ritos e solenidades. Claro que existem peculiaridades entre os dois países, um exemplo é que em Natividade não há o reinado do Imperador menino e em Monte do Carmo, também no Tocantins, há sim.

Se compararmos a cidade de Pirenópolis (GO) com as ilhas do Açores evidentemente que encontraremos semelhanças com o ritual festivo, porém, no caso brasileiro, com algumas singularidades onde proliferam as procissões, “folias”, “cavalhadas”, novenas, danças populares e folclóricas. O que importa nesses casos apresentados é a especificidade principal da festa do Divino Espírito Santo, onde é a figura do “Imperador” que além de ter um papel de comandar a procissão é distribuidor de ‘bodos’ ou esmolos marcando essas práticas cerimoniais populares.

É por meio das características da festa do Divino Espírito Santo em Natividade, por meio da história e memória de seus devotos que encontraremos um caminho para analisar a religiosidade e a memória cultural nativitana, em que seu conjunto de características fará reconhecer um indivíduo que conhecerá seu costume, tradição, história e sua cultura.

Sendo assim, a festa do Espírito Santo permanece no imaginário e no cotidiano dessas comunidades (em Portugal ou no Brasil) e pelo seu formato e, principalmente, pela devoção dos fiéis, ela será perene.

Todos os autores declararam não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. **O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

BENEVIDES, Francisco da Fonseca. **Rainhas de Portugal: estudo histórico**. 2ª Ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2009.

CÂMARA MUNICIPAL DE ALENQUER. **Renascem as festas do Espírito Santo**. Disponível em <<http://www.cm-alenquer.pt/News/newsdetail.aspx?news=16a78b3e-f502-44e7-9859-f940d8ea7801&q=divino>> Acesso em 02 jul 2010.

LEAL, João. **As Festas do Espírito Santo no Açores: um estudo de antropologia social**. Publicações Dom Quixote: Lisboa, 1994.

LOPES, Aurélio. **Devoção e poder nas Festas do Espírito Santo**. Edições Cosmos, 2004.

MARQUES, João Francisco. Oração e devoções. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir). **História Religiosa de Portugal**. Vol. 2, Lisboa: Círculo de Leitores, 2000. p.650-658

MATA, Luís Antonio Santos Nunes. **Ser, ter e poder: o hospital do Espírito Santo nos finais da Idade Média**. Coleção História e Arte. Número 5. Magno Edições & Câmara Municipal de Santarém: Leiria, 200. p. 21- 33

MILHEIRO, Maria Manuela. A Arte e a Festa. O sagrado, o lúdico e o efêmero. In: **Cadernos do Noroeste**. Vol. 9 (2), 1996, pag. 83-102

PENTEADO, Pedro. Confrarias. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir). **História Religiosa de Portugal**. Vol. 2, Lisboa: Círculo de Leitores, 2000. p. 323-330.

PREFEITURA DE NATIVIDADE. **História e Localização geográfica**. Disponível em: <<http://www.natividade.to.gov.br/Historia/Acesso>> em: 19 jul 2016

PREFEITURA DE PIRENÓPOLIS. **Atrativos Culturais**. Disponível em: <<http://www.pirenopolis.go.gov.br/category/atrativos-culturais/>> Acesso em: 19 jul 2016